

ENUNCIÇÃO JORNALÍSTICA NO CONTEXTO DAS SOCIEDADES MIDIATIZADAS¹

Rafael Drumond²

Paula Gomes³

Wilson Milani⁴

RESUMO: O presente artigo aborda a produção jornalística no contexto de midiáticação das sociedades contemporâneas. A reflexão se volta para as modalidades interacionais inauguradas pela emergência de novas disposições sociotécnicas, atravessadas pela coexistência de diferentes modos de produção, circulação e consumo jornalísticos. Busca-se evidenciar como a zona de enunciação jornalística se conforma na condição de indutora interacional. Procura-se, entender as possibilidades de reconfiguração da gestão e do compartilhamento de informações nas sociedades midiaticadas. Por fim, o artigo problematiza o perspectívismo epistemológico que, não raro, polariza os estudos voltados para esse campo a partir de motivações teórico-conceituais que oscilam entre o otimismo ingênuo e o negativismo imponderado.

PALAVRAS-CHAVE: *Interação Midiaticada, Jornalismo contemporâneo, Mediação.*

ABSTRACT: This article discusses journalistic production in the context of contemporary societies' mediatication. The reflection is about the interactional modalities inaugurated by the emergence of new socio-technical dispositions, which are now traversed by the coexistence of different modes of production, circulation and journalist consumption. The aim is to show how the journalistic enunciation zone conforms itself in the condition of interactional induction. The article also seeks to understand the possibilities of reconfiguration of the management and information sharing in "mediaticated" societies. Finally, the paper discusses the epistemological perspectívism that often polarizes the studies on this field from theoretical and conceptual motivations ranging from naive optimism to inconsiderated negativism.

KEYWORDS: *Contemporary Journalism, Mediation, "Mediaticated" Interaction.*

¹ Este artigo foi apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013, em Bauru, São Paulo.

² Professor Mestre da Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (FCA - PUC Minas).

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

⁴ Mestrando em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ).

NOTA INTRODUTÓRIA

A discussão deste artigo, centrada na análise da produção jornalística no contexto das sociedades midiáticas contemporâneas, é um desdobramento reflexivo suscitado pela metapesquisa “A construção do capital teórico sobre os processos de interação midiática nos artigos científicos apresentados nos encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) durante a primeira década de 2000”. Dos artigos selecionados para compor o *corpus* qualitativo da metapesquisa, optou-se por abordar, aqui, os textos apresentados ao Grupo de Trabalho (GT) “Estudos de Jornalismo”, existente, desde os anos 2000, na Compós⁵. Objetiva-se, assim, ampliar a presente reflexão a fim de ultrapassar o contexto institucional que situa este processo de pesquisa, resultando, não eventualmente, no amadurecimento das discussões teórico-metodológicas propostas.

Dentre centenas de artigos mapeados pelo Grupo de Pesquisa, esta análise se debruçará sobre um universo bastante reduzido: ao todo, apenas 11 trabalhos⁶ do GT “Estudos de Jornalismo” foram selecionados para integrar o *corpus* qualitativo da metapesquisa. Um dos principais fomentadores desta reflexão é justamente o diagnóstico dessa baixa representatividade, sobretudo, quando contrastado à densidade das discussões propostas pelos textos selecionados: se, por um lado, a presença de temáticas relacionadas às interações no contexto da mediação é baixa nesse GT, por outro, esses poucos trabalhos apresentaram um panorama complexo e heterogêneo de abordagens e pontos de vista sobre os regimes contemporâneos de interação mediada – longe, portanto, de representar um material pouco instigante. Além da constatação da

⁵ A delimitação do *corpus* foi orientada por um “roteiro de mapeamento”, composto, fundamentalmente, por questões dissertativas (qualitativas) e objetivas (quantitativas). Esse roteiro viabilizou o estudo de um material de mais de 1.000 artigos e o consequente aprofundamento naqueles que trabalhavam direta ou indiretamente o conceito de interações mediadas.

⁶ Foram selecionados os seguintes trabalhos: (1) “Notícias do fantástico: jogos de linguagem e efeitos de sentido na comunicação jornalística”, de Luiz Gonzaga Motta; (2) “O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais”, de Carlos Eduardo Franciscato; (3) “Reflexividade e jornalismo: algumas aproximações”, de Carlos Alberto de Carvalho; (4) “Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço: as experiências das redes colaborativas”, de Beatriz Becker e Juliana Teixeira; (5) “A mediação jornalística do dinheiro apreendido: das fotos furtadas à fita leitora”, de Antonio Fausto Neto; (6) “A TV digital e o imaginário tecnológico: identidades, mediação e sociabilidade nas fantasias do telejornal online”, de Felipe Pena; (7) “Gêneros jornalísticos digitais: um estudo das práticas discursivas no ambiente digital”, de Lia Seixas; (8) “Jornalismo participativo na internet: pensando algumas questões técnicas e teóricas”, de Virgínia Fonseca e Cristiane Lindemann; (9) “O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico”, de Fernando Resende; (10) “O que é jornalismo digital em bases de dados”, de Suzana Barbosa; (11) “Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano”, de Alfredo Eurico Junior.

diversidade de autores e de filiações institucionais – aspectos que, raramente, se repetem nos 11 artigos selecionados –, também foi possível identificar uma variedade de perspectivas teóricas, lógicas interacionais e suportes empíricos acionados na construção das análises propostas.

Diante desse *corpus* complexo, a presente discussão se vale dos próprios aportes teórico-metodológicos encontrados nos 11 artigos selecionados, além de trabalhos de referência para o Grupo de Pesquisa – alguns deles apresentados em outros GTs da Compós⁷. Em linhas gerais, esta análise focaliza, num primeiro momento, a midiaticização das sociedades contemporâneas e algumas possíveis implicações de tal fenômeno no processo de produção, circulação e consumo de notícias. Em seguida, tendo em vista os regimes interacionais que perpassam a prática jornalística na atualidade, reflete-se sobre a mediação desse campo ou dessa zona de enunciação social. Por fim, é realizado um balanço crítico acerca do percurso problematizado neste artigo, com foco nos desafios interpostos pela midiaticização aos estudos comunicacionais e, conseqüentemente, aos estudos de jornalismo. Busca-se, com isso, ressaltar o tensionamento epistemológico existente entre perspectivas ora otimistas, ora negativistas, a respeito das práticas de jornalismo, na contemporaneidade.

O JORNALISMO NO CONTEXTO DA MIDIATIZAÇÃO

A midiaticização das sociedades contemporâneas, de acordo com Braga (2006), abrange dois níveis operativos interrelacionados: a midiaticização de campos sociais específicos (política, educação, religião etc.) e a midiaticização da própria sociedade. Para o autor, as lógicas midiaticizadas estariam, progressivamente, atravessando as engrenagens funcionais de diversos processos sociotécnicos, contribuindo, assim, para a emergência de novas dinâmicas de estruturação da realidade socialmente compartilhada⁸. Não se trata, entretanto, de reduzir os fenômenos sociais e as atuais

⁷ A discussão empreendida aqui não se relaciona, direta e necessariamente, às problematizações verificadas nos artigos do GT “Estudos de Jornalismo” selecionados pela metapesquisa. Logo, os 11 artigos desse GT são um ponto de partida reflexivo, que, articulados a outras referências, constituem o aporte teórico deste trabalho. Por conseguinte, nem todos os autores citados na nota de rodapé três foram utilizados na construção deste texto.

⁸ Nos termos de Tavares (2007, p. 18, grifos no original): “Estamos vivendo hoje uma mudança de época, um câmbio epocal, uma nova inflexão, com a criação de um *bios* midiático que toca profundamente o tecido social. Surge uma nova ecologia comunicacional. É um *bios* virtual. Entendo que, muito mais do que uma tecno-interação, está surgindo um novo modo de ser no mundo representado pela midiaticização da sociedade”. Sodré (2002), por sua vez, entende como *bios midiático* uma nova forma de existência

razões comunicativas ao desenvolvimento tecnológico, mas, antes, de inserir os avanços técnicos no jogo complexo dos princípios geradores da vida social. A mediação das tecnicidades ultrapassa o nível instrumental facilmente pressuposto aos extensionamentos mecânicos, atingindo uma dimensão nuclear dos processos de subjetivação, sejam eles individuais e/ou coletivos. Nesse contexto, a midiatização não se restringe a uma condição cenográfica a partir da qual é possível desenvolver, no ato presente da história, as mesmas querelas de outras épocas. Ao contrário, os processos de midiatização, ao remodelarem toda uma estética comunicativa, inauguram outras concepções políticas responsáveis por localizar sujeitos e sociedades frente ao mundo.

Braga (2006; 2006a) ressalta que essas novas balizas para construção da realidade socialmente compartilhada se devem a um deslocamento crucial verificado nos mecanismos de interação e conversação social. Segundo essa perspectiva, o atual *ethos* midiatizado (SODRÉ, 2002) estabelece processos interacionais cada vez mais referenciados nas lógicas da midiatização, isto é, na comunicação *hiperlínkica* que conecta tecnologias e meios, sujeitos e instituições, campos sociais e práticas culturais.

Entendemos que os processos interacionais de referência são os principais direcionadores da construção da realidade social. O que parece relevante, em perspectiva macrossocial, é a teoria de que a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelos quais os indivíduos, grupos e setores da sociedade se relacionam (BRAGA, 2006, p. 03).

Nessa medida, refletir sobre a midiatização das sociedades contemporâneas como processo interacional de referência evoca um entendimento que seja capaz de ultrapassar as especificidades de campos e/ou processos sociais determinados. Para além dos condicionantes que modelam os mais diversos tipos de circuitos comunicacionais, a aposta teórica da epistemologia da midiatização reside no funcionamento de um mecanismo que, sorrateiramente, organiza os diferentes regimes de produção simbólica. Trata-se, a rigor, de uma imaterialidade significativa que costura distintas formas técnicas e perceptivas em uma matriz mais ou menos estável de produção de sentidos, uma espécie de dispositivo dos dispositivos que exerceria uma função de metaprescrição, a saber, o agenciamento dos próprios mecanismos agenciadores das dinâmicas sociais, tanto em sua dimensão maquínica quanto humana. Avalia-se que, a partir desse contexto, a proposição de Braga (2006) sobre a passagem

social e subjetiva, sendo que os fenômenos das tecnointerações e da midiatização crescente das sociedades configuram um *ethos* midiatizado no qual os dispositivos de interação midiática inauguram diferentes mecanismos relacionais e diferentes níveis de engajamento ou vinculação social.

de um processo interacional de referência centrado na “cultura da escrita” para a “cultura midiaticizada” se torna particularmente interessante para análise que se propõe neste artigo. Apesar desse entendimento histórico proposto pelo autor não ser inequívoco, pretende-se explorá-lo em sua dimensão jornalística, tendo em vista o deslocamento, notadamente expressivo nesse campo de investigação, da experiência cognitiva do texto ao hipertexto, da linha à superfície, do registro escrito às imagens que circulam nas redes.

A intenção não é, vale deixar claro, propor uma razão dualista que compartimentaliza os percursos históricos em etapas, linearizando, artificialmente, processos de natureza caótica. Assume-se, aqui, tal como Martín-Barbero (2006, p. 70), que “a convergência da globalização e da revolução tecnológica configura um novo ecossistema de linguagens e escritas”, processo este marcado pelo aparecimento de outras racionalidades e sensibilidades, capazes de promover novas percepções espaço-temporais e formas distintas de exercício da memória. Desse modo, quando a proposição teórico-conceitual de Braga (2006) sobre os processos interacionais de referência é apropriada, o objetivo é, portanto, reconhecer a existência de um jogo de mútua afetação e constante conversão que tornam ambos os processos, acrescidos de outros, socialmente atuantes. Isso significa dizer que “dentro da lógica da midiaticização, os processos sociais ‘da mídia’ passam a incluir, a abranger os demais, que não desaparecem, mas se ajustam”. (BRAGA, 2006, p. 02).

Sugere-se, então, que, no contexto da enunciação jornalística, tema central deste artigo, o tensionamento entre tais culturas de interação seja manejado como operador analítico a partir do qual é permitido traçar algumas distinções a respeito da prática do jornalismo em diferentes contextos históricos e sociotécnicos. Esse esforço se justifica pela necessidade de, não somente inscrever a atualidade jornalística no *continuum* histórico que, arqueologicamente, encadeia acontecimentos e processos⁹, mas também de reconhecer que a contemporaneidade presencia um momento ímpar da midiaticização, responsável por mudanças radicais nos dispositivos de enunciação social. Dessa forma, no que tange às especificidades da produção jornalística no atual estágio da

⁹ Por essa angulação histórica, o próprio exercício do jornalismo, tomado como dinâmica ampla de veiculação de notícias, só se tornou possível a partir da midiaticização social. A trajetória do campo se imbrica, assim, aos percursos sociotécnicos que, há séculos, vêm estabelecendo as bases de disposições tecnológicas, discursivas e éticas que, na contemporaneidade, são atualizadas a partir de novas práticas de produção e circulação de informações. Nesse sentido, o jornalismo é resultado de diversos vetores que, incidindo sobre distintos contextos de produção simbólica, permitiram o soerguimento desse campo de enunciação sobre a realidade social.

mediatização, parte-se, aqui, dos seguintes questionamentos: quais as implicações das novas tecnologias, tanto em termos de possibilidades interacionais quanto de usos socialmente verificáveis, para a construção de uma ambiência jornalística capaz de permitir outra mobilidade e/ou interação às dinâmicas de produção/recepção? Em que medida a mediatização social, processo que vai além da mediatização da zona jornalística, vem condicionando a percepção e a produção de discursos sobre o domínio do “real”, e de que maneira os referenciais históricos tradicionais resistem nesse contexto de tensões e rupturas? Qual o jogo de relações presumíveis ao jornalismo que vêm se deslocando do domínio da letra para a razão imperiosa da imagem?

Objetivando explorar lacunas abertas por essas indagações, são realizadas algumas reflexões sobre o percurso da prática jornalística, tomado, especialmente, em sua relação com o desenvolvimento e monopólio das técnicas de produção e reprodução. Nessa medida, pode-se dizer que o processo de produção e divulgação da informação e da opinião está atrelado, desde sua origem, às modalizações econômicas, institucionais e culturais capazes de instaurar e credenciar o lugar social do jornalismo. Longe de ser harmônica ou hegemônica na condição de leitora da vida em sociedade, a zona de enunciação jornalística se caracterizou como um campo de conflitos, não obstante o fato de que, pela natureza restritiva do acesso à sua dimensão produtiva, nem todos os atores sociais pudessem dispor do direito à participação na gestão informacional.

Dessa impossibilidade de entrada, fundamentam-se preceitos importantes que, a esta análise, interessa evidenciar: a zona de enunciação jornalística como indutora interacional, bem como as possibilidades de reconfiguração da gestão e do compartilhamento de informações inauguradas pelas sociedades mediatizadas. Tendo em vista essa exploração, vale assentar o controle do processo de construção do “real jornalístico” no histórico social, cultural, econômico e político dos meios de comunicação. Tal percurso foi marcado, em sua gênese, pela privatização das ferramentas produtivas, tanto a partir do custo das tecnologias de reprodução (imprensa gráfica, equipamentos de emissão sonora e televisiva, câmeras de gravação, entre outros) quanto pela movimentação de capitais de diferenciação sociocultural (como, por exemplo, competências leitoras, intimidade com os domínios textual, sonoro e imagético, poder de mobilização política etc.). Esse exclusivismo presente na origem do jornalismo teria reforçado uma mítica midiacentrista que, do senso comum à epistemologia acadêmica, busca ressaltar perspectivas diversas, tais como: o

enquadramento dos sentidos por meio de processos de edição, as estratégias de vinculação/engajamento recepional a partir de contratos de leitura, os constrangimentos técnicos, institucionais e éticos da produção de notícias, aspectos tendenciosos e/ou manipulatórios dos critérios de noticiabilidade, a parcialidade e a montagem da informação, entre outras.

Em tal contexto produtivo, a participação social no campo de representações midiáticas dar-se-ia, na maior parte das vezes, por delegação, no sentido de incumbir o jornalista – mediador social por excelência – a tarefa de atuar em nome de outras vozes e atores. Como manifestação ainda latente dessa concepção, é possível notar o atravessamento de gramáticas que orientam as práticas de enunciação jornalística a partir de princípios de objetividade (jornalista como ponte e/ou mediador, e não como sujeito) e transparência (desconsideração da esfera discursiva de produção da realidade socialmente compartilhada). Essa concepção clássica de jornalismo parece historicamente atrelada às dinâmicas verticais que definiram as assimetrias da relação entre meios de comunicação e sociedade durante a maior parte do século passado. Seria esse o período da chamada “Sociedade dos Meios ou Sociedade Midiática” (FAUSTO NETO, 2008), temporalidade marcada, nos países centrais de instauração burguesa, pela fragilização da referencialidade interacional da cultura escrita.

Ao inserir tais dinâmicas no contexto atual de midiatização, sobretudo em caráter comparativo, corre-se o risco de sugerir, se valendo de uma perspectiva axiológica, certa “evolução” do presente frente ao passado: afinal, a “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999) tensionou as estruturas e a hierarquia tradicional dos meios de produção simbólica, desenvolvendo dispositivos interacionais capazes de garantir fluxos comunicativos menos determinados, gerando, assim, um “sistema de resposta social” (BRAGA, 2006a) que, a princípio, pressiona o clássico dualismo que, outrora, fixava papéis aos produtores e receptores midiáticos. A partir disso, o monopólio da produção simbólico-midiática é fissurado pelo acesso facilitado às novas tecnologias de comunicação e informação, redimensionando, em maior ou menor grau, a verticalidade da produção jornalística verificada em processos anteriores. Por outro lado, a partir de um viés crítico sobre a relação texto e imagem, pode-se denunciar a superficialidade do circuito midiatizado contemporâneo. Nessa angulação, o valor canônico e artístico do campo das letras se opõe ao domínio imagético que dilui o real por meio da proliferação virtual das representações, suscitando a discussão sobre a capacidade de engajamento

social e subjetivo dessas tecnologias, que, não raro, parecem atender mais ao consumo que aos processos de “humanização”.

Esta análise se vale, portanto, dessa fratura: a midiatização é, ao mesmo tempo, um processo histórico contínuo que, há séculos, vem desenhando a trajetória do capital, da propriedade privada, do controle e do agenciamento simbólico nas mais diversas sociedades. Em contrapartida, a midiatização, entendida na esteira do pensamento de Braga (2006; 2006a) como processo contemporâneo de interação social, traz novas possibilidades de construção da realidade socialmente compartilhada. Entre o continuísmo que reforça – esse capitalismo sem nome que migrou das estruturas sociais para as estruturas cognitivas e simbólicas – e a ruptura que inaugura – a possibilidade da ampla participação –, encontra-se essa zona, ainda privilegiada, de enunciação jornalística. Diante do contexto atual de convergência dos meios, mobilidade, hipertextualidade e instantaneidade, busca-se refletir acerca do modo como o jornalismo se marcará na condição de campo legítimo, articulador de diversos regimes de interação social. E, ainda, como poderá operar, mesmo que sulcado nos territórios voláteis do capital, em prol de novos horizontes de sociabilidade e outras tipologias do “real”.

JORNALISMO E MEDIAÇÃO SOCIAL

De modo geral, pode-se dizer que poucos contestariam o papel de mediação social da prática jornalística, mesmo quando diferentes abordagens são acionadas para compreender os fenômenos dessa ordem, sejam eles ligados à teoria clássica do jornalismo ou à teoria contemporânea¹⁰. Entendendo tal conceito no seu sentido etimológico, “mediador” significa “o que serve de intermédio, elo” (HOUAISS 3.0) entre fatos e sujeitos. No caso jornalístico, “mediador” seria aquele que medeia por intermédio de notícias. (RESENDE, 2004). Em compensação, a análise que é feita da mediação jornalística na contemporaneidade não se apresenta de maneira consensual,

¹⁰ Segundo Fausto Neto (2007, p. 03), a teoria contemporânea do jornalismo se divide à luz da “Sociedade Midiática” e da “Sociedade em vias de Midiatização”. Na primeira, acredita-se que o jornalismo produz sentidos, independentemente “(...) de ‘feixes de relações’ externos, bastando-lhe apenas os encaixes e regras internas, inerentes ao seu processo”, como se essa produção se desse unicamente a partir das suas competências técnicas e discursivas. Já na segunda, acredita-se que o jornalismo, submerso em uma nova ambiência de midiatização, é um dos elementos de tal processo, que “(...) se realiza através de dispositivos de produção de sentido mais complexos, alguns dinamizados do seu interior, mas outros já apropriados por outros campos sociais”.

oscilando, em muitos casos, entre diferentes perspectivas teóricas ou paradigmas comunicacionais.

Na perspectiva de Fausto Neto (2007), a produção de sentidos sobre os fatos também é determinada por outros campos sociais (político, econômico, policial, entre outros) antes mesmo de ocorrer a mediação jornalística. Pereira (2005), ao contrário, discute, com certo pessimismo tecnocêntrico, a influência hegemônica do jornalismo na “criação de realidades”. Esse autor parte da premissa de que, além de moldar a agenda pública, o telejornalismo tem a capacidade de influenciar diretamente o “dia a dia das pessoas e na forma como elas percebem o mundo”. (PEREIRA, 2005, p. 01). Fonseca e Lindemann (2007), por sua vez, abordam a mediação jornalística partindo de um objeto distinto e de outra visada teórico-conceitual. As autoras consideram as novas configurações atribuídas ao trabalho jornalístico a partir das tecnologias digitais de informação e comunicação, que deram origem, por exemplo, ao *webjornalismo* participativo, que pode ser caracterizado, segundo essa perspectiva, como uma: “prática em que qualquer cidadão pode se tornar repórter”. (FONSECA e LINDEMANN, 2007, p. 01). Resende (2004), por fim, parece sintetizar os pontos de vista anteriores, aproximando-se mais, no entanto, da perspectiva de Fausto Neto (2007) na medida em que entende a prática jornalística a partir de suas narrativas, definidas como um “sistema de significação” heterogêneo, plural e complexo, construído ao longo de processos sociais e cotidianos de mediação. Nesse sentido, Resende (2004) reconhece a interação com outros campos sociais que é inerente ao processo de mediação jornalística.

Dito isso, as complexidades trazidas pelo contexto da midiatização apontam para a necessidade, no nível prático e epistemológico, de se revisitar os exercícios, conceitos e teorias que cercam o jornalismo. O que não representa assumir uma postura de que “tudo mudou”, acreditando na completa ruptura com o “jornalismo tradicional”, nem tampouco ignorar as mudanças que, de fato, se instalaram, incluindo aí aquelas de natureza híbrida. Repensar esse contexto, portanto, é ultrapassar a descrição das mudanças e refletir a respeito de todo o fenômeno da midiatização jornalística. Se, outrora, o jornalismo acreditava ter controle e soberania sobre os sentidos dos fatos por ele narrados, na contemporaneidade, esse fenômeno se tornou ainda mais complexo e multifacetado, uma vez que os acontecimentos potencialmente noticiáveis são moldados por estratégias que pertencem a âmbitos sociais não jornalísticos. Isso quer dizer que o trabalho de produção de sentido realizado pelo discurso midiático não se dá de maneira

autônoma, e sim em permanente interação com os dispositivos técnicos, culturais e discursivos, decorrentes, principalmente, das lógicas e da cultura da midiaticização.

Esta reflexão permite ir além das perspectivas que acreditam no surgimento de novas práticas socioculturais e midiáticas a partir da aparição de novos suportes, apesar de se reconhecer, aqui, a fundamental importância desses dispositivos de informação e comunicação. Em várias situações (política, religião, entretenimento etc.), os demais campos sociais têm demonstrado a sua capacidade de mútua afetação a partir das lógicas e dos câmbios circulantes da midiaticização, modificando, desse modo, a “construção da realidade social” operada pelos meios de comunicação e, conseqüentemente, pelo jornalismo. Segundo Fonseca e Lindemann (2007), várias mudanças ocorreram no âmbito contemporâneo da enunciação jornalística, entre as quais, o deslocamento da função do jornalista de produtor a avaliador das notícias geradas pelos usuários; a transferência do ambiente profissional da clássica redação ao *locus* virtual dos grandes portais; a periodicidade do veículo diário ao instantâneo; e o retorno com mais força de determinados gêneros, como, por exemplo, o jornalismo opinativo. Além disso, novas tensões emergiram, com destaque especial para a pluralização e a visibilidade de falas ordinárias e fatos secundarizados, processo que promove, em alguma medida, o enfraquecimento dos clássicos critérios de noticiabilidade e da perda de credibilidade por parte das empresas tradicionais.

Somado a isso, é passível de inclusão, ainda, as discussões relativas à dinâmica de acoplagem de mediações – construção multimedial da realidade social. Sob essa perspectiva, os conteúdos gerados pelos sujeitos ordinários, que, para muitos, seriam os “jornalistas da contemporaneidade”, mesclam, misturam, em suma, acoplam novos critérios de noticiabilidade com o mesmo padrão hegemônico do fazer jornalístico, demonstrando a constante interação do novo com o velho e vice-versa. Isso quer dizer que da mesma forma que os novos dispositivos e lugares de fala parecem enfraquecer as empresas jornalísticas, ao permitirem a produção, circulação e recepção de conteúdos que não entrariam na pauta da “grande mídia”, vê-se, também, o fortalecimento da prática jornalística, presente no imaginário coletivo, como pré-mediador hegemônico do que se produz e reproduz como “realidade social”. Fonseca e Lindemann (2007), quando abordam a possibilidade de pluralização das falas a partir dos dispositivos digitais do *webjornalismo* participativo, chamam a atenção para o fato de que isso não representa, necessariamente, o enfraquecimento das empresas jornalísticas. Até porque a maioria delas faz parte das redes e tecnologias de comunicação e suas narrativas

continuam sendo as principais fontes de informação para a maioria dos usuários. Ou seja, para um discurso contra-hegemônico ganhar visibilidade é necessário tempo e, sobretudo, estratégia, como o estudo de caso empreendido por Fausto Neto (2007)¹¹ demonstrou.

Por fim, vale questionar, igualmente, a forma como os dispositivos de comunicação têm sido, de fato, apropriados pelos receptores/internautas/usuários. Jamil (2007), por exemplo, constatou que os níveis de participação política dos cidadãos na internet continuam aquém do alardeado pelos otimistas, fato que pode ser explicado pela baixa quantidade e qualidade de ferramentas que possibilitam a efetiva interação dos usuários e pelo baixo índice de interação verificado entre eles, mesmo quando convidados para tal. Isso demonstra que a simples existência de um dispositivo mais interativo não garante a interação em si, assim como a simples possibilidade de ter um lugar de fala não garante a potência da narrativa ordinária.

APONTAMENTOS FINAIS

Propõe-se finalizar este artigo com um balanço crítico acerca da produção e da reflexão sobre a ambiência jornalística em face das mudanças pressupostas ao contexto social da midiatização. Quando se considera que, nas sociedades midiatizadas, a dimensão comunicativa é elevada a um nível nuclear e estruturador das dinâmicas sociais, pode-se, por extensão, localizar a praxiologia comunicacional no epicentro das mudanças que caracterizam a contemporaneidade na condição de período histórico. Essas dinâmicas de fluxos reordenadores e ressignificantes apresentam velocidade semelhante àquelas que, na atualidade, “pilham” e “instantaneizam” diversos circuitos de produção simbólico-social. Em decorrência disso, a celeridade e a multiplicidade dos fenômenos comunicativos imprimem um desafio considerável à formação de um pensamento crítico e socialmente atuante.

Nesse sentido, a midiatização social parece representar o momento epistemológico ideal para se enfrentar o mundo e a geração de conhecimentos a partir de suas complexidades e não de seus axiomas, dos desvios e não das regras, dos câmbios e não dos fixos. Em razão disso, a problematização dos fenômenos e de suas reverberações são mais relevantes do que o esforço retórico voltado para a legitimação

¹¹ Estudo de caso que trata da noticiabilidade da polêmica do dinheiro apreendido pela Polícia Federal durante a campanha presidencial de 2006.

de determinados paradigmas ou ideologias de pesquisa – prática epistemológica que procura se adequar às exigências institucionalizadas de enquadramento funcional no interior dos diversos campos do saber. Inserido nesse contexto, o jornalismo, seja tomado como prática ou reflexão, se torna especialmente relevante, já que sua natureza social tensiona ainda mais os juízos que são lançados ao mundo. Produto dessa ambivalência gerada pela sociedade midiaticizada, a ambiência jornalística contemporânea se caracteriza por um espaço de pluripresenças sociais, isto é, terreno no qual as empresas conduzem seus projetos autovendáveis, assim como os sujeitos e grupos minoritários exclamam suas singularidades e seus manifestos.

Refletindo sobre conflitos dessa ordem, parece bastante apropriada a reflexão de Martín-Barbero (2006) a respeito do contraste entre a celeridade das mudanças tecnológicas, por um lado, e os câmbios lentos e dolorosos dos sistemas de crenças e valores, por outro. Nas palavras do autor: “(...) nossos povos podem assimilar com certa facilidade as imagens da modernização que as mudanças tecnológicas propõem, mas é em outro ritmo, bem mais lento e doloroso, que podem recompor seus sistemas de valores, de normas éticas e de virtudes cívicas”. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 56). Sob essa perspectiva, os processos midiaticizados não representam a inserção de toda uma coletividade em um mesmo espaço-tempo socializante – ao menos, não de forma harmoniosa e orgânica. As lógicas operacionais das grandes cidades não se espalham pelas redes comunitárias via *wi-fi*, assim como os princípios que fundam sujeitos e sociedades nem sempre se diluem no ritmo imposto pela estética universal do consumo.

Talvez por isso, como aponta Jamil (2007), não é possível constatar, em uma perspectiva macrosocial de mudança, modos absolutamente novos de apropriação dos meios de comunicação digitais, incluindo a apropriação jornalística dos mesmos. Como argumenta o autor, os dispositivos não necessariamente traduzem formas de comportamento, ou seja, não é porque a internet, por exemplo, viabiliza a produção jornalística colaborativa que essa prática, a partir de agora, será produzida de acordo com tal “cartilha interacional”. Afinal, o acesso a esses dispositivos continua restrito a uma minoria de pessoas submetidas às exigências de acompanhar e assimilar todo esse jogo de mudanças, e que vivem, assim, na berlinda da inclusão e da exclusão social. (TRIVINHO, 2003). Além disso, a produção de notícias continua atrelada aos interesses privados e/ou institucionais que existem subjacentemente à mediação jornalística, dinâmica típica da “Sociedade Midiática” que não desaparece no contexto da midiaticização.

Felipe Pena (2004), ao questionar a ideia democratizante das mídias digitais e do contexto da midiatização, elenca, na esteira da reflexão de Sylvia Moretzsohn¹², quatro riscos da adoção desse direcionamento analítico: (1) deslegitimação da mediação jornalística e do exercício qualificado da profissão; (2) tomar o jornalismo como uma prática “as you like”, flexibilização bastante afinada às manifestações contemporâneas do capitalismo neoliberal; (3) crença no poder de seleção e “edição” dos receptores sobre os conteúdos veiculados nas zonas oficiais de enunciação jornalística. A esse respeito, o autor ilustra dizendo que: “(...) o tal ‘faça você mesmo’ acaba reproduzindo as fórmulas aprendidas no convívio cotidiano com a programação televisiva e resultando em um ‘faça como a Globo’”. (PENA, 2004, p. 11); (4) a ilusão de limites ao imaginário tecnológico.

Por outro lado, percebe-se que, com o tempo, os agentes sociais têm desenvolvido competências de utilização e apropriação dos novos dispositivos de comunicação e informação. Seja como mecanismo de poder ou como meio de mobilização social e publicação horizontal de notícias, os instrumentos e as dinâmicas da midiatização se afinaram às estratégias e à própria organização dos movimentos sociais contemporâneos. Instaura-se, assim, uma dualidade no interior dos próprios dispositivos e das práticas midiatizadas: por exemplo, a mesma *web*, apontada por muitos como um espaço democrático e livre de difusão de informações, colabora, não raramente, para acentuar as assimetrias entre os polos de produção e recepção simbólico-midiática.

Assim, tomando essa ambivalência como horizonte crítico à visada tecnocrática ou utópica da midiatização, pode-se dizer que, mesmo considerando alguns avanços, o sistema crítico-interpretativo acionado pela pesquisa em jornalismo parece, não raro, ingênuo, uma vez que está situado ora em matrizes teóricas inerentes à “Sociedade dos Meios”, ora em perspectivas futurólogas da comunicação. Se o tempo da prática é distinto do tempo da reflexão, talvez, no caso da zona de enunciação jornalística, a epistemologia desse campo careça de galgar em outros ritmos, nem tão acelerados e nem tão nostálgicos. A velocidade das mudanças parece maior do que a capacidade de operacionalizá-las, e, ainda que nunca seja possível resolver esse imbróglio, deve-se insistir em processos práticos e cognitivos capazes de testar outras possibilidades e tencionar certos juízos previamente formulados. Uma possível maneira de amortizar

¹² MORETZSOHN, Sylvia. Considerações sobre o óbvio surpreendente. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso: 01. Jun. 2013.

esse mal-estar é a fortificação dos processos colaborativos de análise e investigação. Os pesquisadores partem, de forma geral, do mesmo objeto – a mediação jornalística na contemporaneidade –, mas, nem sempre, estão preocupados com uma ancoragem geral e sistematizada de seus procedimentos analíticos. Exemplo disso é a baixa referencialidade, verificada nos artigos apresentados no GT “Estudos de Jornalismo” nos anos 2000, na Compós, de autores nacionais que estejam atuando para a construção de uma epistemologia contemporânea acerca da prática jornalística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, José Luiz. “Sobre “mediatização” como processo interacional de referência”. In: *ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 15, 2006, Bauru-SP. Anais... Bauru: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006a.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p.

FAUSTO NETO, Antônio. “A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: das fotos furtadas à fita leitora”. In: *ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 16, 2007. Curitiba-PR. Anais... Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_245.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. “Fragmentos de uma “analítica” da midiatização”. *Matrizes*, São Paulo, v.1, n.2, jan/jun, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/88>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

FONSECA, Virginia; LINDEMANN, Cristiane. “Jornalismo participativo na internet: repensando algumas questões técnicas e teóricas”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16, 2007. Curitiba-PR. Anais... Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_241.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

HOUAISS, Instituto Antônio. Mediador. In: HOUAISS, Instituto Antônio. Mediador. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão monousuário 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2009.

JAMIL, Francisco. “Níveis de participação dos cidadãos na internet: Um exame dos websites de senadores brasileiros e norte-americanos”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16, 2007. Curitiba-PR. Anais... Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_37.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. “Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século”. In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PENA, Felipe. “A TV digital no imaginário tecnológico: identidades, mediação e sociabilidade nas fantasias do telejornalismo online”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 13, 2004, São Bernardo do Campo-SP. Anais... São Bernardo do Campo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_664.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

PEREIRA, Alfredo. “Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 14, 2005. Niterói-RJ. Anais... Niterói: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_849.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

RESENDE, Fernando. “O olhar às avessas – a lógica do texto jornalístico”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 13, 2004. São Bernardo do Campo-SP. Anais...

São Bernardo do Campo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_668.pdf> Acesso em: 15 mar. 2013.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. “Os processos midiáticos para além da mídia”. *ANIMUS – Revista Interamericana de comunicação midiática*, Santa Maria. v. 6, n. 2, jul/dez. 2007. (Mestrado em Comunicação da UFSM).

TRIVINHO, Eugênio. “Cibercultura, sociossemiose e morte: sobrevivência em tempos de terror democrático”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 12, 2003. Recife-PE. Anais... Recife: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2003. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1045.PDF>. Acesso em: 15 mar. 2013.